

GREGO? NÃO, ÁRABE

Se você já tentou alguma vez decifrar textos em árabe e não obteve progresso mesmo após ter estudado a língua por algum tempo, esta é uma notícia consoladora: aprender a ler nesse idioma é realmente mais difícil e demorado. Uma série de estudos feitos na Universidade de Haifa, Israel, indica que a complexidade visual da ortografia árabe faz com que o hemisfério direito cerebral não esteja envolvido nas primeiras etapas do processo de domínio da língua escrita. Os pesquisadores argumentam que o árabe usa muitos símbolos gráficos similares para representar letras e sons distintos. Às vezes, a diferença entre duas letras se resume a um detalhe quase imperceptível, como o número de pontos ou linhas inseridos em sua representação. Visto que o hemisfério direito usa a informação global, e não as minúcias gráficas, para identificar os símbolos, esse lado do cérebro não é acionado no processo de aprendizagem do árabe. Já em idiomas como o inglês e o hebraico, os dois hemisférios participam da tarefa, segundo os cientistas, que publicaram os trabalhos em várias edições da revista *Neuropsychology*.



Alfabeto arábico: símbolos similares para sons distintos

MONTANHAS, ALÉM DO TURISMO

As montanhas da Europa estão ganhando mais atenção – e não só como tradicional cenário para

férias ou cartões-postais. Em um documento de 252 páginas distribuído em setembro, a Agência Ambiental Europeia sugeriu mais proteção às regiões montanhosas, que cobrem

36% do continente e abrigam 118 milhões de pessoas (17% da população da Europa). Coordenado por Martin Price, do Perth College, Reino Unido, o documento apresenta as montanhas como um ecossistema multifuncional – capaz de prover água, bens e serviços de valor econômico – bastante ameaçado. A temperatura da água nos lagos e nos rios montanhosos aumentou nas últimas décadas, favorecendo inundações e deslizamentos nas cidades próximas. Outra provável consequência é a escassez de água para consumo humano. Segundo os autores do trabalho, as mudanças ambientais em curso nas montanhas exigem intervenção mais efetiva do poder público. As inundações, que em geral começam em regiões altas, tornaram-se o acidente mais comum na Europa.

O NOVO VALOR DO NÚMERO PI

Tsz-Wo Sze, um cientista da computação da Yahoo nos Estados Unidos, criou um programa de computador, instalou-o em mil máquinas da empresa e depois de 23 dias obteve o dobro de dígitos que se conhecia até agora para o número pi. Definido como o resultado da divisão do comprimento de uma circunferência por seu diâmetro, pi é um número irracional que começa com 3,14 e segue por infinitos dígitos. O pesquisador chegou a uma notação binária, com dois quatrilhões de dígitos ou bits, o dobro do recorde anterior. Em notação decimal (3,14...), o valor anterior tinha 2,7 trilhões de dígitos. Documentos antigos indicam que a busca por aumentar a precisão do valor do pi começou 1700 anos antes de Cristo.

WIKIMEDIA COMMONS



Alpes suíços: fonte de água e outros recursos

HISTÓRIA ACIDENTADA

Os limites e as possíveis histórias das crateras lunares estão agora um pouco mais claros. Em três artigos publicados em 17 de setembro na revista *Science*, pesquisadores dos Estados Unidos apresentam um mapa topográfico da Lua, obtido por meio da sonda LRO (Lunar Reconnaissance Orbiter), e descrevem os processos geológicos que devem ter moldado a superfície lunar, marcada por crateras de diferentes tamanhos e origens. As regiões mais altas possuem mais crateras maiores que as mais baixas, ocupadas por muitas crateras menores, expressando diferenças nas ondas de meteoritos que bombardearam o único satélite natural da Terra. Essa diferença de dimensões entre as crateras sugere que os meteoritos mais antigos, que devem ter caído até 3,8 bilhões de anos atrás, eram maiores que os mais recentes, de acordo com as análises de James Head e



A Lua e suas crateras, vistas da Apollo 11

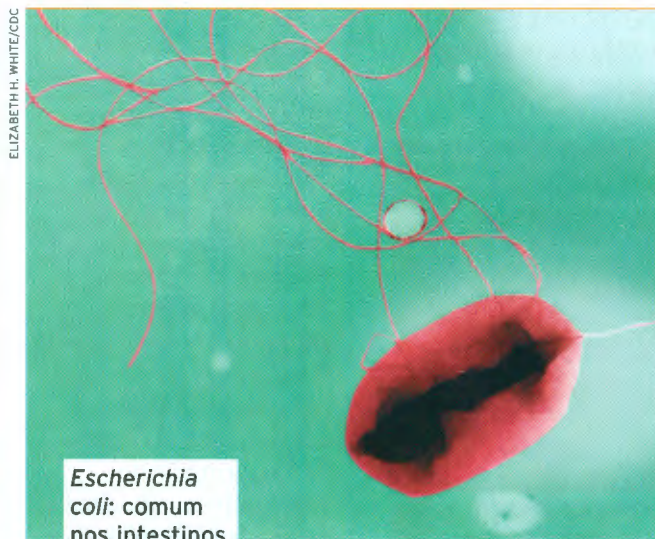
NASA

sua equipe da Universidade Brown, Estados Unidos. As equipes de Benjamin Greenhagen, do Instituto de Tecnologia da Califórnia, e Timothy Glotch, da Universidade Stony Brook, também dos Estados Unidos, identificaram

minerais com silicatos, como quartzo e feldspato, ricos em potássio e em sódio, que resultam do resfriamento do oceano de magma que formou a crosta lunar primitiva. A história da Lua é muito mais rica do que se imaginava.

LATINOS ANTIGOS

Os restos de esqueletos humanos encontrados em 2009 em Laguna de las Pampas, na província de Buenos Aires, Argentina, devem ter 10.045 anos. Essa idade, definida por uma equipe da Universidade do Arizona, Estados Unidos, põe esses restos mortais entre os mais antigos do continente americano. Em setembro, na *American Journal of Physical Anthropology*, Héctor Pucciarelli, da Universidade Nacional de La Plata, Ivan Perez, do Conselho Nacional de Pesquisas Científicas e Tecnológicas, e Gustavo Politis, da Universidade Nacional do Centro da Província de Buenos Aires, detalham o achado e concluem: os esqueletos (de quatro adultos e duas crianças) têm morfologia semelhante à dos encontrados no Brasil, na Colômbia, no Peru e no México, ajudando a elucidar a expansão da espécie humana no continente.



Escherichia coli: comum nos intestinos

ELIZABETH H. WHITE/CDC

O IMPACTO DOS ANTIBIÓTICOS

Antibióticos podem causar mudanças duradouras nas populações de bactérias que vivem no intestino humano, aumentando o risco de doenças crônicas. Les Dethlefsen e David Relman, da Universidade Stanford, na Califórnia, coletaram mais de 50 amostras de fezes de três pessoas em um período de 10 meses que incluía dois tratamentos com o antibiótico ciprofloxacina. Eles identificaram os microrganismos de cada amostra e concluíram que cada pessoa tinha uma flora intestinal única, cujo equilíbrio era desfeito pelos antibióticos. Na maioria das vezes, a composição da flora microbiana voltou rapidamente ao estado anterior, mas às vezes as espécies de bactérias eram substituídas por outras. Publicado na *PNAS*, o estudo reforça o alerta: antibióticos deveriam ser usados apenas quando realmente necessários.

B. NAVEZ/WIKIMEDIA COMMONS



Psidium cattleianum:
frutos maduros
em março

SOBRE FLORES E FRUTOS

Cobertas de flores brancas de perfume adocicado, as pitangueiras atraem enxames de abelhas. No caso das mirtáceas, a família que inclui as árvores que dão pitangas, quabirobas e goiabas, a ecologia parece contar mais do que a genealogia para determinar a época de floração e frutificação. A conclusão é do estudo de Vanessa Staggemeier e Patrícia Morellato, da Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Rio Claro, que examinou 34 espécies ao longo de 30 meses numa floresta de restinga na ilha do Cardoso, sul do estado de São Paulo (*Journal of Ecology*). As mirtáceas dessa área florescem em conjunto quando os dias são mais longos – entre dezembro e janeiro –, o que incrementa a atração de polinizadores. A produção de frutos, porém, é contínua, representada a cada mês por pelo menos três espécies, uma boa forma

de manter sempre por perto os animais frugívoros, cruciais para a dispersão das sementes. Os autores destacam a importância, no estudo da ecologia, de se entender a contribuição relativa do ambiente e do parentesco entre as espécies.

ESCONDERIJO DE ARANHA

Onde é mais provável achar uma aranha-marrom: nas dobras da cortina, atrás da porta ou no fundo do armário? As fêmeas de *Loxosceles gaucho*, cujas picadas causam lesões graves na pele, preferem cantos com ângulos agudos, que protegem melhor a prole contra predadores (*Medical and Veterinary Entomology*). O biólogo André Augusto Stropa chegou a essa conclusão depois de construir 60 refúgios artificiais com cavidades em forma de triângulo, quadrado, pentágono e cilindro, e espalhá-los pela mata na Universidade Estadual Paulista (Unesp) em Botucatu. Por um ano, ele documentou as cavidades escolhidas. O que mais chamou a atenção foi que

sete de cada 10 fêmeas dessa espécie e metade das fêmeas com prole usavam refúgios de cavidade triangular. A preferência ajuda a explicar por que esse gênero de aranhas se adaptou ao ambiente humano e se tornou um problema de saúde pública em cidades do Brasil, Chile e Estados Unidos. “As cidades podem estar oferecendo muitos refúgios com ângulos agudos”, diz ele.



Refúgios angulosos são mais seguros

EDUARDO CESAR

ORIGENS MISTERIOSAS

Continentes são mosaicos de rochas dos mais diversos tipos, idades e origens. Descrivê-los é um eterno enigma para os geólogos,

como os do grupo liderado por Carlos de Araújo, do Serviço Geológico do Brasil em Fortaleza, que investiga como se formou a região da Província Borborema com rochas do grupo Novo Oriente, no oeste do Ceará (*Gondwana Research*). Análises geoquímicas e geocronológicas, além de observações de campo, mostraram que o grupo Novo Oriente tem detritos de interior de cráton, nome dado às porções antigas da crosta do planeta. A bacia pode ter surgido há cerca de 1,3 bilhão de anos ou, especula Araújo, da fragmentação do supercontinente Rodínia, há menos de 1 bilhão de anos.



Nuvens sobre o Amazonas: aula de climatologia

METAIS PESADOS NO TIETÊ

No início do século XX, nadar nas águas cristalinas do rio Tietê atraía muitos entusiastas. Hoje, quem se dispusesse a encarar tal desafio não correria apenas o risco de trombar com os sofás, garrafas *pet* e pneus de automóveis. Pesquisa feita pelo Centro de Energia Nuclear na Agricultura da Universidade de São Paulo (Cena/USP) indica que, com graus diferentes de intensidade e toxicidade, uma grande quantidade de metais pesados nocivos à saúde humana – como cobre, cobalto, cromo, zinco, níquel e chumbo – também está presente em diversos pontos da bacia do Tietê. O estudo, que avaliou sedimentos coletados em 12 pontos diferentes, da nascente à foz, mostra que os pontos críticos, onde a concentração dos metais é mais evidente, estão nas proximidades do reservatório de Pirapora, na região de Anhembi e

no reservatório de Nova Avanhandava. “A principal causa da contaminação é o esgoto doméstico; em seguida aparecem resíduos agrícolas e dejetos industriais”, avalia Jefferson Mortatti, que coordenou

o levantamento. Segundo ele, toda a cadeia alimentar é afetada. Em seres humanos, esses metais podem provocar dermatites, alterações no sistema nervoso e nos pulmões e redução de fertilidade.

RELAÇÕES PERIGOSAS

Em cupinzeiros, além dos cupins, podem viver outros insetos ou larvas, que se nutrem de fungos e excrementos e às vezes dos próprios cupins ou de outros insetos inquilinos. Na *Psyche* de julho, Cleide Costa e Sergio Vanin, da Universidade de São Paulo (USP), analisam essas relações de vida e morte, que ganham refinamentos nos cupinzeiros bioluminescentes do Cerrado. As larvas dos besouros *Odontocheila auripennis* vivem em galerias escavadas na superfície dos ninhos do cupim *Cornitermes cumulans* próximas de outras galerias com larvas do besouro luminescente *Pyrearinus termitilluminaans*. Segundo Cleide, a associação dessas duas espécies de besouros é vantajosa principalmente para a *O. auripennis*, que se aproveita das presas atraídas pelas larvas bioluminescentes da outra espécie.



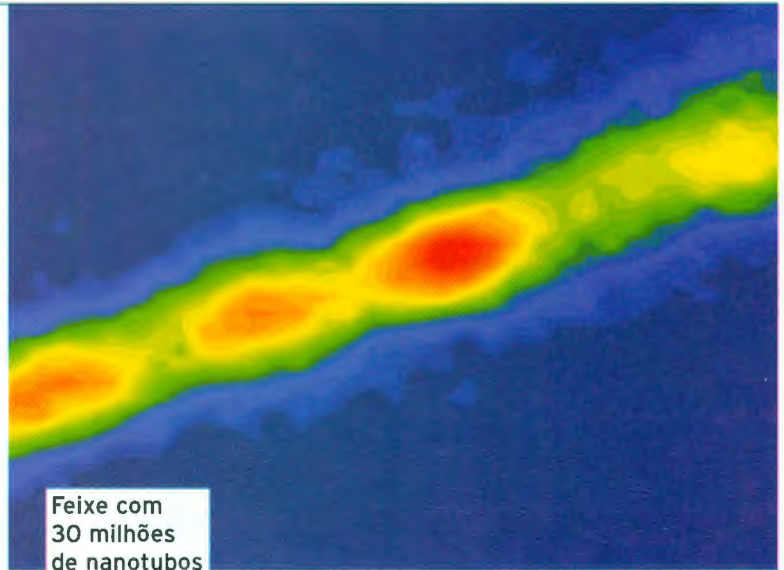
Condomínios da natureza

MÁQUINA DO TEMPO

A bacia amazônica funciona como uma janela para o passado, no que diz respeito a processos atmosféricos. Como quase não sofre influência da ação humana, preserva aspectos pré-industriais da emissão de aerossóis, as partículas suspensas na atmosfera. Um estudo com participação do físico Paulo Artaxo, da Universidade de São Paulo, encontrou concentrações baixíssimas de partículas acima da floresta virgem (*Science*). Os resultados mostram que a Amazônia é como um reator biogeoquímico que produz partículas de aerossol a partir de emissões de plantas e de micróbios, junto com vapor de água, luz solar e foto-oxidação. Faz diferença, por exemplo, para a produção de chuvas: em ambientes poluídos, o número de gotículas nas nuvens depende da velocidade da corrente de ar ascendente; já acima da floresta virgem, o número de gotas é diretamente proporcional ao de partículas de aerossol. Entender as nuvens é, sem dúvida, essencial nos estudos do clima.

ANTENAS SOLARES

Grandes expoentes da nanotecnologia, os nanotubos de carbono mostraram-se capazes de concentrar 100 vezes mais energia captada dos raios do Sol em relação aos tradicionais painéis solares. Ao juntar 30 milhões desses tubos compostos por folhas de átomos de carbono, pesquisadores do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), nos Estados Unidos, formaram antenas que concentram a energia solar em pequenos espaços. A equipe, liderada pelo professor Michael Strano, decreveu a novidade na revista *Nature Materials* (12 de setembro). Entre os pesquisadores que assinam o texto está o brasileiro Cristiano Leite Fantini, professor do Instituto de Física da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). “Fiz meu pós-doutorado com o professor Strano entre 2006 e 2007. Eu e o coreano Jae-Hee, que também fazia pós-doc e assina o texto, começamos a trabalhar com a ideia de feixe de nanotubos. Depois escolhemos um tipo de nanotubo semiconductor com a mesma simetria. Eles são capazes de absorver luz e fazer a transição eletrônica para a geração de eletricidade”, diz Fantini. Ele explica que, ao juntar os vários nanotubos formando uma antena de 10 micrômetros, é possível ver o dispositivo num microscópio óptico, sistema impensável para nanotubos isolados. Fantini diz que ainda está longe a implementação comercial das antenas. Se tudo der certo, os grandes painéis solares instalados no telhado de casas que possuem esse tipo de energia poderão ser trocados por pequenos artefatos semelhantes a luminárias de jardim.



Feixe com 30 milhões de nanotubos

GERALDINE PAULUS/MIT

por pesquisadores da Universidade do Estado da Carolina do Norte, nos Estados Unidos, liberam na pele agentes antimicrobianos juntamente com a vacina em si. O adesivo, é feito de polímeros biodegradáveis aprovados pela Food and Drug Administration (FDA) – órgão norte-americano responsável pela fiscalização de medicamentos – similares aos usados em suturas que se dissolvem na pele. Os pesquisadores afirmam que a aplicação das microagulhas antimicrobianas tornará dispensável o uso de antissépticos na pele antes da vacinação, procedimento que às vezes não é seguido em muitos países. Um porta-voz da ONG Médicos sem Fronteiras disse que a entidade aprovou a novidade, mas ressaltou que o sucesso dependerá do custo final e de uma grande capacidade de produção.

MOSQUITEIRO NANOIMPREGNADO

Os mosquiteiros impregnados com o inseticida piretroide e drogas antimaláricas apresentaram bons resultados na Tailândia, país que sofre com surtos de malária. As drogas matam os mosquitos quando eles pousam sobre a rede, colocada em volta das camas. O problema é que, com as lavagens do mosquiteiro, o tempo de ação das drogas se limita a cerca de 12 meses. Para contornar essa barreira, pesquisadores do Centro Nacional de Nanotecnologia da Tailândia desenvolveram um processo nanotecnológico capaz de manter os inseticidas ativos por até cinco anos. Os mosquiteiros recebem os piretroides com partículas em escala nanométrica que são mais facilmente incorporadas e presas às fibras da rede (*SciDev*).

NCSU



Agulhas biodegradáveis na pele

MICROAGULHAS CONTRA INFECÇÃO

Um adesivo com centenas de microagulhas com propriedades antimicrobianas é a nova esperança para eliminar os casos de contaminação em campanhas de vacinação em massa destinadas a países subdesenvolvidos, quando pessoal sem a devida qualificação costuma ser chamado para trabalhar. As microagulhas, desenvolvidas

TOQUE SENSÍVEL PARA ROBÔS

Pesquisadores da Universidade da Califórnia em Berkeley, nos Estados Unidos, anunciaram ter conseguido criar uma pele artificial que poderá equipar robôs conferindo a eles um toque sensível o suficiente para segurar um ovo ou uma taça de cristal. A pele é feita de materiais semicondutores flexíveis e poderá também, a depender de novos estudos, restabelecer a sensibilidade do toque em pacientes dotados de próteses. Para isso será preciso desenvolver mais pesquisas visando à integração de sensores eletrônicos com o sistema nervoso humano. Para desenvolver o material, os pesquisadores fabricaram nanocabos ultrafinos com uma liga de silício e germânio e depois os revestiram com uma camada de borracha, formada por pequenos sensores, sensível ao toque.



Pele é formada por nanofios

ALI JAVEY AND KUNIHARU TAKEI/UC BERKELEY

Materiais inorgânicos como o silício têm excelentes propriedades elétricas e são quimicamente estáveis. Testes revelaram que a pele artificial distingue várias escalas de força, desde a usada para digitar em um teclado de computador até a empregada para segurar um objeto. A tecnologia foi divulgada em artigo na revista *Nature Materials* (12 de setembro).

TOMATE E BATATA TRANSGÊNICOS

Um tomate com altas concentrações de miraculina, uma substância que transforma alimentos amargos em doces, e uma batata com 60% a mais de proteínas são dois recentes alimentos transgênicos elaborados na Ásia. O primeiro, desenvolvido por pesquisadores japoneses, da

Universidade de Tsukuba e da empresa Inplanta (*Journal of Agricultural and Food Chemistry*, 8 de setembro), produziu tomates com grandes quantidades de miraculina, uma proteína da fruta milagrosa, uma baga vermelha de um arbusto da África, difícil de se adaptar em outros climas. O gene que codifica essa proteína foi inserido inicialmente na bactéria *Escherichia coli* e depois em tomates anões. Com maiores quantidades de miraculina será possível um amplo uso em alimentos e bebidas para amenizar o gosto amargo e com baixíssima caloria. A batata, desenvolvida na Índia pelo Instituto de Pesquisa da Batata, ganhou um gene do grão do amaranto, que estimula a produção de proteínas. Assim, a batata transgênica contém 60% a mais de proteínas. As plantas já passaram por testes de biossegurança na Índia (*New Scientist*, 23 de setembro).

NA LINHA DO AUTOTRAM

Mais silenciosos, econômicos e bonitos, assim deverão ser os AutoTram, veículos de transporte de massa projetados para rodar no futuro na Alemanha. Eles são uma mistura dos ônibus atuais com os chamados veículos leves sobre os trilhos (VLT), existentes em várias cidades do mundo. A diferença é que os novos veículos, longos como os VLT e ágeis como os ônibus, não soltarão fumaça nem precisarão de trilhos ou cabos aéreos para circular. Movidos à eletricidade, eles serão dotados de pneus de borracha e se deslocarão sobre uma linha branca, dotada de sensores de direção, pintada nas ruas. Uma novidade do AutoTram, desenvolvido pelo Instituto Fraunhofer, é que ele contará com estações de recarga de baterias nos pontos de parada de passageiros - o reabastecimento deverá ser feito de 30 a 60 segundos. O veículo terá capacidade para 102 passageiros.



Elétrico, sem trilhos ou cabos

RADIAÇÃO PESSOAL

Durante a recente epidemia de gripe H1N1 era comum ver, pela televisão ou internet, imagens, principalmente em aeroportos no exterior, com o espectro de radiação eletromagnética, ou o nível do calor emitido pelos passageiros, o que poderia indicar a presença da doença. As imagens são geradas por câmeras térmicas produzidas por cerca de 25 empresas no mundo. Agora esse tipo de equipamento passará a ser produzido também no Brasil pela empresa Optovac, que desenvolveu e acaba de lançar sua primeira unidade comercial. “A nossa câmera capta nuances de temperatura em um amplo número de aplicações, como no monitoramento de grandes áreas, porque pode ver mesmo na ausência de luz e a grandes distâncias, na medicina, para detecção de gripes, e para uso militar”, diz o físico Henrique Nobre, sócio da Optovac, empresa sediada em Osasco, na Região Metropolitana de São Paulo. Ele explica que a empresa constrói toda a câmera, inclusive as lentes, e importa o sensor de captação de imagem (ver Pesquisa FAPESP nº 157). O preço médio da câmera é de R\$ 15 mil, valor que varia segundo as configurações da máquina. O Exército brasileiro foi o primeiro comprador.



Imagens da câmera da Optovac

COLETÂNEA SOBRE ETANOL

Uma coletânea de textos escritos a partir de *workshops* do projeto Diretrizes de Políticas Públicas para a Pesquisa Científica e Tecnológica em Bioenergia no Estado de São Paulo, apoiado pela FAPESP, serviu para compor o livro *Bioetanol da cana-de-açúcar: P&D para produtividade e sustentabilidade*. Organizado pelo professor Luís Augusto Barbosa Cortez, da Faculdade de Engenharia Agrícola (Feagri) da Universidade Estadual

de Campinas (Unicamp), contou com 139 especialistas de várias instituições de pesquisa do estado de São Paulo. Com 992 páginas, a obra é dividida em cinco partes. Na primeira, “Estratégias para políticas públicas em etanol”, são tratados temas relacionados aos desafios para a produção do etanol. Na parte 2, sob o título “Sustentabilidade da produção e do consumo”, estão o impacto do uso do etanol, a influência do clima e da agricultura. A terceira, “Novo modelo agrícola para cana-de-açúcar”, trata da genômica, etanol celulósico e cultivo. Na quarta parte, “Novo modelo industrial e usos finais do etanol”, aborda vários temas da cadeia industrial da cana. Na última parte, “Roadmapping tecnológico para o etanol”, indica o roteiro tecnológico e diretrizes para o futuro do etanol.

RESIDÊNCIA SUSTENTÁVEL

Uma casa de 65 metros quadrados que funciona com energia solar e reaproveita a água da chuva está instalada em Taguatinga, no Distrito Federal. Chamada Centro de Demonstração de Energias Renováveis, a edificação foi planejada e construída pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) e pelo Centro de Pesquisa de Energia Elétrica (Cepel), órgão do Ministério de Minas e Energia.

Revestida por 12 placas de células fotovoltaicas para captação dos raios solares, ela é capaz tanto de suprir o aquecimento de água como de vários aparelhos eletrônicos. No porão estão instaladas 16 baterias que acumulam a eletricidade da energia solar, no total de 3 mil volts, para uso em dias nublados, chuvosos e durante a noite. A casa de alvenaria possui um sistema de calhas para captação de água para o banheiro e o telhado tem um isolante térmico que evita o aquecimento interno.



CANA-DE-AÇÚCAR SOB CONTROLE

Um equipamento instalado no Centro de Cana do Instituto Agronômico (IAC) em Ribeirão Preto (SP) permitirá reproduzir em terras paulistas o clima baiano, com ganhos na produção canavieira. A câmara de fotoperíodo automatizada, desenvolvida como parte do Programa FAPESP de Pesquisa em Bioenergia (Bioen), permite manter as plantas em temperaturas que não ultrapassem a faixa de 21 a 32 graus Celsius, condição ideal para a indução de floração da cana-de-açúcar. A partir das flores, extrai-se o pólen utilizado no cruzamento



◀ Câmara automatizada regula temperatura

de materiais destinados à obtenção de novas variedades mais produtivas. “Já existem equipamentos semelhantes na Austrália e na África do Sul”, diz o pesquisador Maximiliano

Salles Scarpari, do Centro de Cana, que participou do desenvolvimento da câmara brasileira. “Aproveitamos a tecnologia brasileira em automação de usinas e adaptamos para a câmara de fotoperíodo, que poderá fazer cruzamentos de variedades que florescem em diferentes épocas do ano.” Em setembro, o IAC lançou três novas variedades de cana mais produtivas e com maior teor de sacarose, após avaliação nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Paraná, Mato Grosso, Bahia, Maranhão e Tocantins.

RESINA VERDE NO MERCADO

A Braskem inaugurou em 24 de setembro em Triunfo, no Rio Grande do Sul, a maior unidade de eteno derivado de etanol do mundo, que possibilitará a produção de 200 mil toneladas de polietileno verde por ano, dos quais dois terços serão destinados à exportação. Produtos de higiene pessoal, limpeza doméstica, embalagens de alimentos, brinquedos e utilidades domésticas estão entre as primeiras aplicações do plástico de origem renovável, que já tem encomendas de empresas brasileiras e multinacionais. A Braskem também está investindo em pesquisas para produzir o polipropileno verde, resina para revestimento de peças de veículos e eletrodomésticos, projeto de R\$ 9 milhões que tem como parceiros a FAPESP e a Universidade Estadual de Campinas. A expectativa é que em cinco anos o processo, que conta com o auxílio da biotecnologia, esteja pronto para entrar em escala industrial.

A QUÍMICA GRADUADA

A Quimlab, de Jacaref, no interior paulista, foi a vencedora na categoria Melhor Empresa Graduada do Prêmio Nacional de Empreendedorismo Inovador. A empresa havia ganho na categoria Incubada em 2003, quando estava instalada na Incubadora Tecnológica da Universidade Vale do Paraíba, em São José dos Campos. Ela é produtora de padrões químicos para controle de qualidade em processos industriais, além de desenvolver novos polímeros (ver Pesquisa FAPESP n.ºs 156 e 95). A empresa foi criada em 1997 com um projeto de pesquisa financiado pelo Programa Pesquisa Inovativa em Pequenas Empresas (Pipe) da FAPESP. O prêmio é organizado pela Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores (Anprotec), com o apoio do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), ministérios da Ciência e Tecnologia e do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Financiadora de Estudos e Projetos e Confederação Nacional da Indústria. A empresa incubada deste ano é a AHi da Incubadora Tecnológica de Curitiba (Intec), desenvolvedora de sistemas para monitoramento de pacientes em UTI. A Intec também ganhou o prêmio de Melhor Incubadora Tecnológica.



Padrões da Quimlab: novo prêmio

MIGUEL BOYAVAN